

IV PROJETAR 2009

PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA

FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL

Outubro 2009

EIXO: PROPOSIÇÃO

REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA ARQUITETÔNICA NA OBRA DE TELÉSFORO CRISTÓFANI

FANNY SCHROEDER DE FREITAS ARAUJO

Arquiteta, mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU-UPM, 2009)

Rua Jaci, 130 # 123, São Paulo SP Cep 04140-080

fanny\_schroeder@yahoo.com.br

ANA GABRIELA GODINHO LIMA

Arquiteta, mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAUUSP, 1999), Doutora em Educação (2004), Pós-

Doutorado em Artes pela University of Hertfordshire (2009)

Rua Itacolomi, 306 # 501, São Paulo SP Cep 01239020

gabriela.lima@uol.com.br / projetopesquisaensino.com

## Resumo

O trabalho arquitetônico de Telésforo Cristófani é amplo e variado. Graduado em 1952 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tem suas obras publicadas a partir de 1957, quando o tradicional periódico "Acrópole" em suas edições de setembro e dezembro do mesmo ano trouxe em suas páginas, respectivamente, o Edifício Residenciais Tuscania (1954) e sua própria residência (1956), ambos na cidade de São Paulo. A partir daí e ao longo de todo seu trabalho evidencia-se a clareza conceitual e material de suas estratégias de implantação e composição volumétrica, a expressão de suas estruturas, o emprego que faz de elementos construtivos e formais, e o diálogo que permite estabelecer com a arquitetura e cultura de seu tempo, bem como com a tradição arquitetônica brasileira. A síntese desses aspectos permite-nos refletir sobre uma "Pedagogia Arquitetônica", no trabalho desse arquiteto que também foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie nos anos 90 e início de 2000.

## Abstract

Telésforo Cristófani's production is wide and varied. Graduated in 1952 by the Faculty of Architecture and Urban Planning of the Presbyterian University Mackenzie, his works were published since 1957, when the traditional journal "Acrópole", in its September and December issues, brought in its pages, respectively the Tuscania Residential Building (1954) and his own residence (1956), both in the city of São Paulo. From then on, the conceptual and material clarity of his strategies of siting the building, the volumetric composition, the structural expression, the employment of constructive and formal elements, allow the establishment of a dialogue with the contemporary architecture and culture, as well as with the Brazilian architectonic tradition. The synthesis of these aspects allows a reflection about an "Architectonical Pedagogic" in the work of this architect who has also been a teacher at the Faculty of Architecture and Urban Planning in the Presbyterian University Mackenzie in the 1990's and beginnings of 2000.

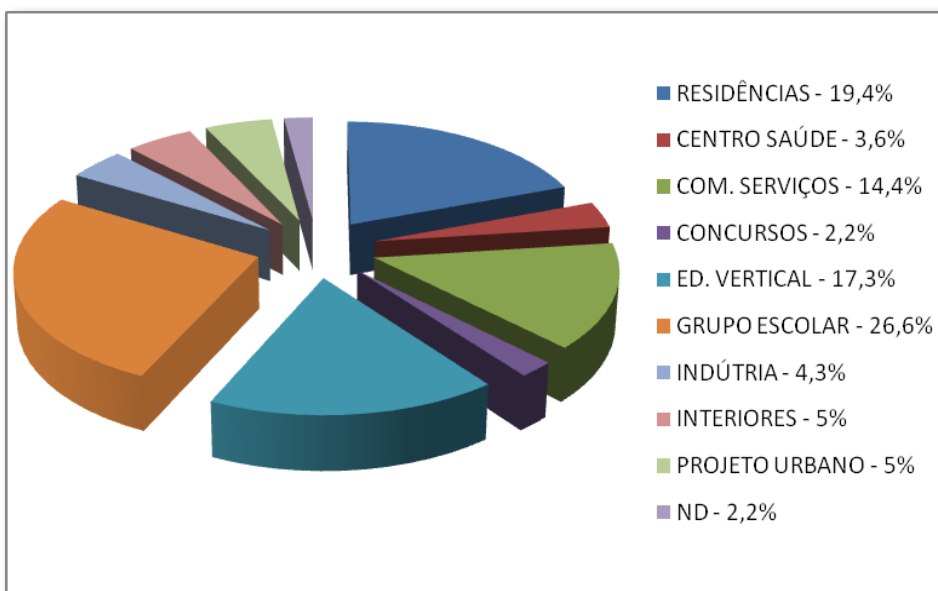
## Resumen

El trabajo arquitectónico de Telésforo Cristófani es amplio y variado. Recibido en 1952 en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la *Universidade Presbiteriana Mackenzie*, sus obras se publican a partir de 1957, cuando la tradicional revista *Acrópole*, en sus ediciones de setiembre y diciembre del mismo año, trae en sus páginas, respectivamente, el Edificio *Residenciais Tuscania* (1954) y su propia vivienda (1956), ambos en la ciudad de *São Paulo*, Brasil. A partir de ahí, y a lo largo de toda su trayectoria, se pone de manifiesto la claridad conceptual y material de sus estrategias de implantación y composición volumétrica, la expresión de sus estructuras, el uso que hace de elementos constructivos y formales, y el diálogo que permite establecer con la arquitectura y cultura de su tiempo, así como con la tradición arquitectónica brasileña. La síntesis de estos aspectos nos permite reflexionar sobre una "Pedagogía Arquitectónica" en el trabajo de este arquitecto, que también fue profesor de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo - Mackenzie en los años 90 y principios del 2000.

## I. Introdução

Este trabalho tem como objetivo sugerir algumas interpretações sobre a contribuição do arquiteto Telésforo Giorgio Cristófani (1929 – 2002) no desenvolvimento da arquitetura paulista a partir de meados da década de 1950. As autoras propõem que a clareza conceitual e material de suas estratégias de implantação de composição volumétrica, a expressão de suas estruturas e o emprego de elementos construtivos e formais permitem estabelecer diálogos com a arquitetura e cultura contemporâneas a seus projetos, ao mesmo tempo em que enraizam-se na tradição arquitetônica brasileira, em especial a paulista. Por se evidenciarem com precisão e clareza, propõe-se que o estudo da obra de Telésforo Cristófani revela uma verdadeira "Pedagogia Arquitetônica".<sup>1</sup>

A tabela abaixo<sup>2</sup> ilustra a proporção de programas abordados por Telésforo em sua trajetória profissional:



## II. Panorama da trajetória

Iniciando pelos edifícios escolares projetados para o Governo do Estado de São Paulo, que representando uma quantidade considerável de projetos para muitos escritórios paulistas no século XX, assim também o foi para Telésforo Cristófani, significando mais de 27,7% de todas as obras projetadas em seu escritório. Ao todo são 37 escolas. Em todo estado, a partir dos anos 1920, ocorreu um grande investimento público para construção de edifícios escolares. O ápice desses investimentos foi em meados da década de 1970, reflexo do crescimento do país, em especial paulista. Foram construídos milhares de prédios em todo o estado cuja administração e viabilização foram feitas por diferentes órgãos públicos, tais como o DOP – Departamento de Obras Públicas, IPESP – Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, FECE – Fundo Estadual de Construções Escolares, CONESP – Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo, FDE –

<sup>1</sup> É possível visualizar as obras mencionadas neste artigo no site <http://www.projetopesquisaensino.com>

<sup>2</sup> Fanny Schroeder (2009).

Fundação para o Desenvolvimento da Educação, CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo e o CPOS – Companhia Paulista de Obras e Serviços.

A partir da década de 1930 esses edifícios já começam a apresentar características modernas como estrutura em concreto armado. O concreto e o emprego de pilotis deram mais flexibilidade ao edifício. O programa se tornou um pouco mais enriquecido com a presença de salas de leitura, auditórios e ginásios. O Convênio Escolar foi um acordo entre a Prefeitura de São Paulo e o Estado, na década de 1940, a fim de equacionar a demanda por vagas no ensino público em curto prazo. O Convênio foi responsável pela construção de 70 escolas na capital entre os anos de 1949 e 1954. Esse período representa uma importante manifestação da arquitetura moderna, onde os “espaços são generosos e luminosos, os jardins incorporados ao edifício e sua entrada principal traduz essas características através de seu espaço convidativo.” (Ferreira, 2006 p. 17) E alguns elementos e técnicas construtivas são marcantes como grandes caixilhos de ferro, ventilação cruzada, elementos cerâmicos vazados, piso em cerâmica vermelha, pérgulas, marquises, pilares em “V”, telhas de fibrocimento, recreio coberto por elementos pré-moldados de concreto. Os edifícios caracterizados por blocos são implantados independentes de acordo com suas funções.

O governador do Estado em 1959, Carvalho Pinto, criou um Plano de Ação com metas para seus anos no governo entre 1959 e 1963. Na área da educação foi criado o FECE para construir e ampliar as escolas públicas do Estado. Desta forma o IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil, representado pelo seu vice-presidente, o arquiteto Vilanova Artigas propôs à coordenação do Plano de Ação que os edifícios escolares fossem elaborados por arquitetos paulistas em projetos específicos ao invés de projetos padrões. Desta maneira foi acordado, entre o governo e o IAB, que a elaboração desses projetos fosse feita por escritórios de arquitetura paulistas. Cabe notar aqui que a importante participação dos arquitetos na produção cultural se torna muito relevante, além da ampliação da atuação do profissional liberal que estava antes restrita a iniciativa privada.

Desse período podemos destacar algumas importantes obras como as escolas de Itanhaém e Guarulhos de autoria de Artigas. A terceirização de projetos para os edifícios escolares foi adotada também pelos órgãos seguintes, como FECE, a CONESP e FDE. Porque além de resultar numa valiosa contribuição arquitetônica, economizava-se em recursos humanos dos órgãos públicos.

*“Do ponto de vista arquitetônico, alguns prédios escolares paulistas construídos nos anos 1960 pelos escritórios paulistanos seguiam os padrões dos edifícios inaugurados pelo Convênio Escolar e seus antecessores. [...] Já outros prédios, projetados por escritórios de arquitetura cujos participantes consideravam a arquitetura como uma linguagem política, consolidaram o uso de elementos arquitetônicos extremamente modernos. Utilizando recursos criados por novas tecnologias, criaram formas extremamente renovadoras que procuravam revolucionar o conceito da escola.” (Ferreira, 2006 p. 49)*

E é dentro desse panorama que se insere o escritório de Telésforo Cristófani com sua maciça produção de edifícios escolares públicos. Essa vasta produção apresenta uma continuidade nas proposições arquitetônicas de sua época. São obras de grande racionalidade estrutural e volumetria simples em concreto armado. Como podemos observar na Escola Estadual Professora Amália Valentina Marsiglia Rino, em Rinópolis, São Paulo – (1962), publicada no livro *Arquitetura Escolar Paulista: anos 1950 e 1960*, organizado por Avany de Francisco Ferreira e Mirela Geiger Mello (2006).

Cabe mencionar aqui dois outros edifícios escolares projetados pelo arquiteto, a Grupo Escolar Típico Rural em Garça – FECE – (1967) e a Graded School – Escola Graduada – (uma escola particular) em São Paulo (1976).

Na obra de Garça o arquiteto projetou uma grande cobertura em abóbadas catalãs e as divisões internas coincidem com a estrutura. Toda a estrutura cuidadosamente detalhada por Cristófani é em concreto armado.

No projeto para a Graded esse grande edifício de concreto aparente está subdivido em três blocos para melhor se adaptar ao terreno em declive onde foi implantado e rampas interligam esses os blocos. Destaque a rampa helicoidal externa ao corpo do edifício de forma quase escultórica que compreende um pequeno jardim em seu interior.

Os projetos de residências, como ilustrado na tabela acima, representam a segunda maior produção do arquiteto, somando 27 obras tanto em área urbana e rural. Sobre essas obras é importante observar que muitas foram publicadas em revistas importantes da época, tal como a Residência do Arquiteto de 1957 no Jardim Paulistano em São Paulo, projetada e construída por ele para morar com sua família. Foi o próprio arquiteto autor de reformas que alteraram importantes características originais como a imponente escadaria central. A Revista Acrópole nº 229 de novembro de 1957 estampou na capa a foto dessa escadaria que foi construída a partir de uma viga de concreto armado pintado de branco apoiada no solo e na laje, vence de 2,50 metros de altura e de projeção horizontal em forma de semi-círculo. A configuração original, como ilustra a planta publicada, contempla no pavimento superior três dormitórios e um banheiro, e no térreo duas salas de estar e jantar divididas pela escadaria, um lavabo e cozinha no coro principal da casa e ao fundo uma outra construção para abrigar lavanderia e dependências de empregada.

A Residência Fabrizio Fasano de 1968 construída no bairro Cidade Jardim em São Paulo foi publicada em 1971 na Revista “Casa e Jardim” nº 199. A publicação a denominou: ‘A casa: uma plataforma de concreto’, e é exatamente assim que essa obra pode ser descrita. Essa plataforma de concreto que serve de cobertura para a garagem no térreo (e que posteriormente foi fechada por vidros constituindo uma saleta) é a laje da casa que está situada no segundo pavimento de estrutura em madeira. Uma escada em concreto aparente faz a ligação entre os pavimentos.

Outra importante residência projetada por Cristófani em 1999 foi a Residência Luiz Augusto Peccioli no Condomínio Laranjeiras no Rio de Janeiro e foi publicada pela Revista “Arquitetura e Decoração” (data não

confirmada). Essa obra possui quatro suítes, sendo duas no pavimento térreo e duas no segundo pavimento, e há também mais dois dormitórios de serviços no pavimento térreo. A sala de estar com pé direito duplo estende-se por uma varanda que dá continuidade ao gramado em frente.

Há na cobertura, projetada em duas águas, algumas aberturas para iluminação dos ambientes internos, como um pequeno jardim de inverno no térreo.

A Residência Adriano Guidotti projetada em 1975, também foi publicada na Revista “Casa e Jardim” nº 313 em fevereiro de 1981. Essa residência está implantada num terreno em declive no bairro do Morumbi em São Paulo e divide-se em três meio-níveis. O acesso ao corpo da casa é feito através do nível intermediário onde uma única laje de cobertura de 16 metros de vão apóia-se nos balanços das empenas laterais criando uma cobertura para os carros. A ala social da casa fica no nível mais baixo, próximo ao jardim e a piscina, e os dormitórios estão localizados na parte superior, contemplando a vista do jardim.

Os edifícios verticais projetados e construídos em São Paulo por Cristófani compreendem obras de grande visibilidade dentro da produção do arquiteto. Esses edifícios somam 24 projetos e o que representa mais de 17% de todo o seu trabalho. Foram selecionados e analisados com no próximo capítulo três edifícios que acreditamos serem os mais representativos em sua trajetória profissional, são eles: Edifício Baviera (1963), Edifício Giselle (1969), ambos edifícios residenciais e o Edifício Paulista I (1973), edifício de escritórios.

Dentro dessa significativa produção de edifícios verticais, cabe destacar aqui também edifícios como o Edifício Tuscania (1954), Restaurante Vertical Fasano (1964) e Escritório TELESP (1971), que foram publicadas na Revista Acrópole, serão mencionadas aqui para auxiliar a esclarecer de que forma alguns elementos arquitetônicos são constantes no ato de projeção do arquiteto. Esses edifícios de Cristófani possuem algumas características semelhantes no que se refere ao sistema estrutural, o arquiteto emprega estrutura vinculada aos fechamentos de alvenaria diferentemente da solução adotada por outros arquitetos de sua época, que trabalham com estruturas independentes.

O Edifício Tuscania localizado no bairro Jardim Paulista em São Paulo é uma construção isolada por recuos laterais possui 10 andares abrigando 2 apartamentos por andar. Foi uma das primeiras obras o arquiteto, projetado em 1954 e construído entre 1955 e 1956, foi publicado pela Revista Acrópole nº 226, em setembro de 1957, um ano após a conclusão da obra e ressaltava que por essa obra o arquiteto foi premiado na 1º exposição de jovens arquitetos NEDAB - Núcleo de Estudos e Divulgação da Arquitetura Brasileira.

Em 1964 o projeto para o Restaurante Vertical Fasano, obra localizada no Centro de São Paulo próximo a Praça da República, representou um grande desafio, primeiro pelo lote onde foi implantado com dimensões pequenas com 6,85 metros de frente e 20,85 metros de profundidade e as construções vizinhas não possuem recuos. E segundo pelo complexo programa: confeitaria, área de espera, bar, casa de chá, restaurante, cozinha e áreas de apoio. As circulações foram separadas, aos fundos do lote ficaram as circulações verticais de serviços (elevador e escada de serviço e monta-carga) juntamente com sanitários e copas de apoio. Na parte



frontal está localizado o elevador social junto ao acesso principal, apenas a partir do primeiro pavimento há uma escada metálica para circulação dos clientes.

Com pé direito de 5 metros, esse edifício não possui pilares no interior. As duas empenas laterais sustentam as vigas transversais que suportam as lajes. O emprego de concreto aparente, escadas pré-fabricadas em chapas metálicas e as placas em concreto pré-moldados na fachada permitiram a conclusão da obra em curto espaço de tempo, lembrando também da dificuldade de acesso ao canteiro, foram os aspectos ressaltados na publicação da revista Acrópole nº 321 em setembro de 1965.

O partido do sistema estrutural desse edifício segue o mesmo conceito dos outros edifícios de Cristófani, não há distinção entre estrutura e vedação, ao contrário de muitos de seus contemporâneos que se utilizaram das estruturas independentes.

Os *brises* verticais foram posicionados na fachada de modo a ocultar o pé direito duplo do interior. Ruth Verde Zein (2005, p. 197) ao fazer uma leitura sobre este edifício e incluí-lo em uma lista de obras que fazem parte, segundo a autora, de obras exemplares da Arquitetura Paulista Brutalista, destacou que esses elementos preservam a intimidade dos ambientes internos e tal intimidade é reforçada pelo posicionamento da escada frontal.

Esse projeto que recebeu o segundo prêmio na categoria “edifícios para fins comerciais” na VIII Bienal Internacional de São Paulo, em 1965, tem também o projeto de arquitetura de interiores de Cristófani, desde os detalhes fixos até os mobiliários desenvolvidos sob medida para esse cliente.

O projeto de 1971 para o Escritório sede CTB/SP – TELESP foi escolhido dentro de um concurso de ante-projetos promovido pela própria Companhia Telefônica Brasileira, onde os arquitetos convidados para participar da concorrência sugeriram à empresa que eles próprios fossem a comissão julgadora, com a intenção de obter a melhor solução seguindo as exigências do programa. Com a intenção de produzir maior expressividade ao edifício, necessário ao se projetar uma sede de uma empresa de serviço público, o arquiteto optou por uma implantação que refletisse uma intervenção na paisagem urbana, opondo-se à seqüência de edifícios paralelos determinados pelos recuos de seus respectivos lotes. A proposta vencedora de Cristófani consiste em prolongar o espaço público criando praça através de patamares, esses patamares têm frestas que permitem a iluminação e ventilação dos espaços semi-enterrados.

A estrutura deste edifício é composta de 3 elementos principais: oito pilares-dutos verticais tangentes ao corpo do edifício (onde encontram-se as circulações verticais), as fachadas são “paredes-grelha” que auxiliam no travamento da caixa rígida do corpo do edifício e o último elemento refere-se as lajes pré-moldadas e protendidas bi-apoiadas. A partir dessa solução estrutural foi possível obter máxima flexibilidade de uso e organização interna, uma vez que não há elementos estruturais dentro dos 18 pavimentos deste edifício.

Na década de 1960 os concursos foram importantes para muitos escritórios paulistas, e Telésforo Cristófani participou de alguns deles, tais como I Concurso de Ante Projeto Assembléia Legislativa MG (Palácio da Inconfidência), em 1962; Concurso Clube XV de Santos e Concurso Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, ambos em 1963.

No I Concurso de Ante Projeto Assembléia Legislativa MG (Palácio da Inconfidência) a proposta da equipe formada por Francisco Petracco, Jon Maitrejean, Nelson Morse e Telésforo Cristófani foi de implantar o edifício ao lado de uma praça que serviria para manifestações cívico-políticas. O emprego de concreto pretendia ressaltar a massa da edificação e a praça, como uma peça única.

O grande hall interno pretendia dar continuidade à praça externa para o visitante que seguia para o plenário. No memorial do projeto publicado pela Revista Acrópole nº 283, os arquitetos afirmaram que “o hall nobre é uma praça coberta, prolongamento abrigado e dramatizado da praça cívica.” A fachada principal e a oposta a ela eram de concreto aparente com “paramentos” em concreto texturizado através de ofícios pelos quais passariam luz solar. Já as fachadas laterais eram de concreto aparente e vidro.

O sistema estrutural de concreto armado é composto por grandes pilares e lajes nervuradas, em dois esquemas independentes: um contendo as galerias laterais e outro contendo o plenário apoiando-se em quatro pilares.

O projeto para um clube esportivo da equipe liderada por Cristófani contou com a colaboração de Sergio Bergamin, Mario Yoshinaga e Ugo Tedeschi recebeu a 5ª colocação neste concurso. O terreno imposto para este edifício era delimitado por três ruas e próximo ao mar de Santos. Nesta proposta, os arquitetos assumiram como partido para o desenvolvimento de seu projeto, a vista para o mar: “uma vez que o mar é uma determinante de interesse [...] O terreno encontra-se nas outras 3 faces envolvido por uma paisagem monótona constituída pela monstruosa repetição de edifícios conseqüentes da desenfreada especulação imobiliária” (memorial do projeto.). Para justificar a solução adotada os arquitetos recusam a enquadrar o clube na paisagem, negam a opção de um aglomerado de volumes que tenham alguma relação com o gabarito do entorno ou uma torre que poderia confundir-se na paisagem.

No edifício proposto a intenção era criar uma “plataforma sem limites”, “uma forma plasticamente definida e marcante que resultasse da contenção de volumes retirados do solo, sob forma de um isolamento resultante do aspecto particular da vida privada dos usuários do clube”. Todos os pavimentos abriam-se para o mar, através de sacadas que serviam como mirantes ao ar livre. O primeiro pavimento era o de maior dimensão e onde ficava a piscina, sendo parte dela coberta. No nível térreo 4 pilares sustentam o edifício, deixando assim uma grande área de sombra para circulação e acesso. O corpo do edifício tinha a intenção de ser um volume fechado para quem o observar do exterior, porém internamente aberto para “comunicar-se com o céu e o mar.” Estruturalmente essa proposta consiste em lajes nervuradas que deveriam vencer os vãos entre as duas empenas laterais de concreto que chegam ao solo em quatro apoios e a fundação seria feita por quatro sapatas interligadas duas a duas por elementos rígidos.

Como os próprios arquitetos ressaltam que o lote conduziu na escolha do partido quando escrevem no Memorial Justificativo que o mar era uma determinante de interesse, dado a “monotonia” do entorno.

A Revista Acrópole nº 294 traz todos os projetos ganhadores desse concurso. Nota-se uma unidade entre esses projetos: grandes volumes únicos de concreto aparente. Ruth Verde Zein (2005) ao estudar a Escola Paulista Brutalista explica que o termo “brutalista” foi muitas vezes empregado para “indicar essa exacerbação dos elementos estruturais portantes.” (Zein, 2005 p. 169) A proposta vencedora construída, projetada pelos arquitetos Pedro Paulo de Melo Saraiva, Francisco Petracco e Helladio Mancebo. Apresenta como solução estrutural uma série de pórticos de concreto armado aparente articulados de vão central de 33 metros e balanços de 2 em 2 metros, permitindo assim menor concentração de cargas nas fundações. Sobre este projeto Zein destaca que “a solução proposta nasce de um raciocínio estrutural simples, mas engenhoso, não apenas da estrutura, pois desejam também ser plástico-formais bem como é relevante a ênfase numa aguda comunicabilidade iconográfica [...]” (*Idem*, p. 150)

A equipe de Telésforo Cristófani e José Carlo Ludovici e dos colaboradores M. Elisabete Vasconcelos Escórcio, Neli A. Ramos Aguila e José Miguel R. Vigil tinha como partido para a Biblioteca Pública do Rio de Janeiro a liberação do nível térreo para a criação de duas praças: “Praça Cívica e Praça Cultural como extensão dos passeios, favorecendo a fruição dos espaços e estimulando o interesse cultural.” Conforme descrito na Memória do projeto (ver anexo de publicações).

As atividades da biblioteca foram divididas de forma que os setores técnicos e administrativos foram alocados nos dois pavimentos abaixo das praças e nos três pisos elevados ficaram reservados para o acervo geral. A estrutura é composta por oito “pilares-duto” agrupados de quatro em quatro, “vigas viadutos” na cobertura com vigas transversais e tirantes que sustentam as “lajes-grelhas” dos três pisos elevados. No caso dessa proposta para a Biblioteca do Rio de Janeiro, há pelo menos duas obras significativas que podemos mencionar como referencia, são elas: o Tribunal de Contas de São Paulo, projeto de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Giancarlo Gasperini de 1971, e a Biblioteca Pública de Buenos Aires de 1962 dos arquitetos Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia Cazzaniga. Essa experimentação formal, observada nas obras citadas acima, é notada por Ruth Verde Zein (2005) como a forma de “em taça” onde os pavimentos têm dimensões maiores à medida que o edifício ganha altura. A autora ainda ressalva que naquele momento (anos 1960 e 1970) estava sendo vastamente explorado tanto como solução estrutural como formal por outros arquitetos em diversos países, como fez, por exemplo, Oscar Niemeyer no projeto do Centro Musical da Barra em 1968.

Os projetos de interiores apesar de representarem apenas 5% de todos os projetos, tiveram bastante destaque na trajetória de Cristófani. Foram publicados em periódicos de destaque da época como a Revista Acrópole, a exemplo da S.A. Martinelli, uma agência de viagens e escritório localizados na Avenida Ipiranga,

Centro de São Paulo, projeto de 1958. Na publicação de dezembro de 1958 a Revista “Acrópole”, nº. 242, apresentou diversas fotos dessa obra e destacou o uso de mármore no piso e no revestimento dos pilares.

A agência bancária do Banco Francês e Italiano – Sudameris – também localizado na Avenida Ipiranga, Centro de São Paulo, projeto de 1960, possui mesma linguagem que a agência de viagens, com piso em granito e emprego de mobiliário baixo para integrar os diversos setores de acesso ao público. Foi publicada na Revista “Acrópole” nº. 264, em outubro de 1960.

Os três primeiros Restaurantes Rubaiyat em São Paulo são de autoria de Cristófani, que desenvolveu desde o *lay out* até o projeto do mobiliário. São eles: em 1966 na Rua Dr. Vieira de Carvalho, Centro; em 1974 na Alameda Santos, 86, Jd. Paulista e na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2954 no Jardim Paulistano (sem data definida).

### **III. Análise formal de edifícios exemplares**

Os três edifícios que foram selecionados para análise nesta seção sugerem uma significativa expressão formal da arquitetura de Telésforo Cristófani e também sintetizam alguns dos conceitos por ele utilizado em outras importantes obras suas, como a valorização do sistema estrutural representado aqui pelo Edifício Baviera e também empregada no Restaurante Vertical Fasano; a utilização do concreto armado aparente no Edifício Giselle e também nos projetos elaborados para os concursos na década de 1960 como o Clube XV em Santos; e ainda a preocupação com a inserção urbana do Edifício Paulista I como também ocorrem no Escritório sede CTB/SP – TELESP.

#### **III.I – Edifício Baviera**

O Ed. Baviera está situado na Avenida 9 de Julho, mesma avenida onde foi construído posteriormente o Ed. Giselle. Implantado em lote de esquina, a fachada principal está voltada para Rua João Cachoeira, onde há uma pequena praça, perpendicular à avenida, criando assim um acesso mais restrito aos moradores.

Em planta, a composição do edifício é de um retângulo. Essa simplicidade se reflete na volumetria, um paralelepípedo, sem adição ou subtração de volumes como no caso do Ed. Giselle (que será analisado a seguir). Podemos notar que o ritmo das aberturas da fachada é interrompida pelas aberturas das persianas dos dormitórios.

Uma particularidade desta obra é a caixilharia diferenciada empregada nos dormitórios, que protege da incidência direta da luz solar através de persianas de madeira basculantes. Para manter a unidade na fachada, as janelas da área social (salas) e serviços possuem a mesma modulação.

No edifício de apartamentos Weissenhof Siedlung, em Stuttgart na Alemanha, Mies Van der Rohe obteve na composição das aberturas uma horizontalidade que por vezes é interrompida por elementos verticais. Retomando o conceito de Nogueira de Matriz Cultural onde o autor ressalta que essa matriz “*nem sempre é tão*

*claro e compreensível para quem está projetando, pois ele pode até ser não intencional, mas muitas vezes de fácil percepção para quem faz uma análise arquitetônica*". (2005, pág. 253). Leonardo Benevolo (1994) ao analisar essa obra de Mies Van der Rohe, destaca a "elegância do desenho" como um diferencial entre seus contemporâneos.

Podemos reconhecer a obra de Mies van der Rohe como um precedente notável, uma "matriz cultural" que pode ser de referência a Cristófani ao desenvolver a fachada posterior do Ed. Baviera. O ritmo das aberturas é interrompido pelos elementos vazados, que servem de ventilação ao hall de serviços.

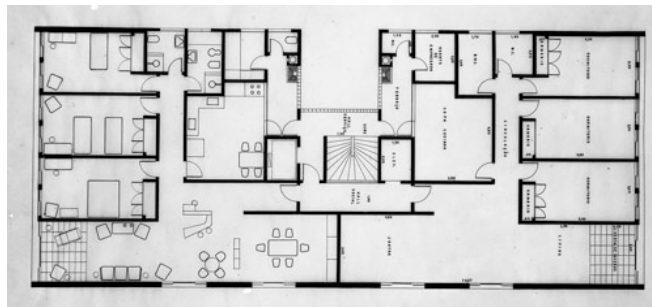


Ed. Baviera: Foto atual do edifício – detalhe fachada posterior

O Ed. Baviera é o primeiro edifício residencial de Cristófani a apresentar o emprego de pilotis no pavimento térreo, abrigando estacionamento de veículos. Ao contrário do Ed. Tuscania que possui apartamento desde o térreo. O Ed. Tuscania uma das primeiras obras do arquiteto, projetado em 1954 e construído entre 1955 e 1956, foi publicado pela Revista Acrópole (n. 226 set/1957) em 1957, um ano após a conclusão da obra e ressaltava a premiação ao arquiteto na 1ª exposição de jovens arquitetos NEDAB - Núcleo de Estudos e Divulgação da Arquitetura Brasileira. Esse edifício monolítico isolado por recuos laterais possui 10 andares abrigando 2 apartamentos por andar. Cada apartamento possui uma ampla sala com jardim de inverno, 3 dormitórios, 3 banheiros, cozinha e dormitório e banheiro de serviços. Estão voltados para a fachada principal e posterior os dormitórios e os jardins de inverno. As aberturas da área social estão localizadas na fachada lateral. O acesso principal no pavimento térreo é coberto por uma marquise que também serve de abrigo para a entrada de veículos. A ausência de pilotis, constante em suas obras posteriores é uma particularidade deste edifício. O sistema estrutural está em conformidade com os demais projetos do arquiteto para edifícios verticais que estão selecionados neste trabalho, não havendo separação entre vedação, alvenarias e estrutura. Esses três elementos foram projetados de forma conjunta, sendo impossível ao fazer uma leitura da planta do pavimento tipo destacar os pilares.



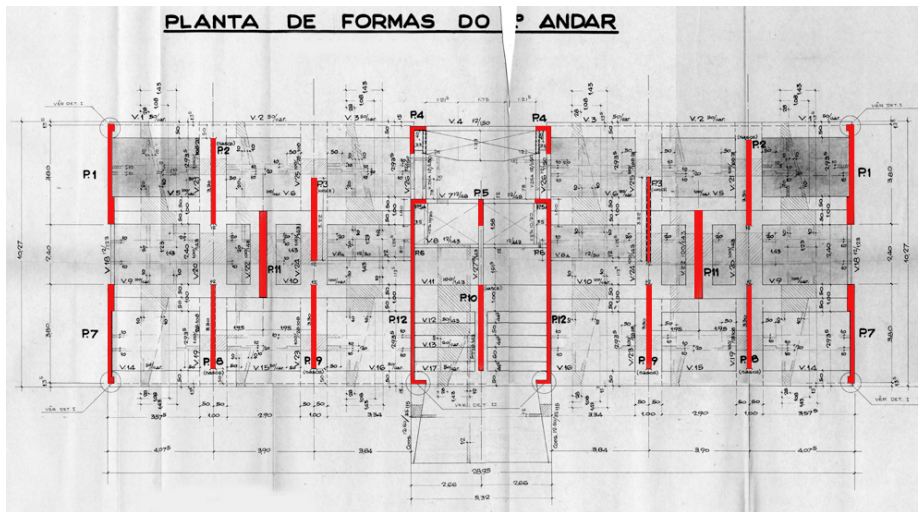
Ed. Tuscania – foto atual Ed. Tuscania



Ed. Tuscania – Planta pavimento tipo

O Ed. Baviera construído em concreto armado, abriga 2 unidades de apartamentos de 110 m<sup>2</sup> por andar em seus 12 andares. Há na composição das fachadas a presença de outro elemento corbusiano, além do pilotis, constante nos 'Cincos Pontos da Arquitetura Moderna' de Le Corbusier: 'janela alongada' ou 'janela fita'. Essa disposição das janelas que foi possibilitada pela estrutura do edifício e que liberou as cargas das fachadas frontais e posteriores, trata de uma composição formal corbusiana que procura valorizar a horizontalidade da obra. A estrutura está nas caixas dos elevadores, nas empenas das fachadas laterais e nas "paredes pilares" que são paralelas às empenas laterais que sustentam as lajes nervuradas.

Conforme a Planta de Formas, os pilares nomeados de P. 1 e P. 7 correspondem as empenas laterais, os pilares P. 4, P. 5, P. 10 e P. 12 são os pilares das circulações verticais e o restante são as "paredes pilares" que estão localizadas nos interiores dos apartamentos.



Ed. Baviera: Planta de Formas

Nota-se uma grande preocupação do arquiteto ao desenvolver o projeto estrutura ao analisar o corte AA do projeto original. Neste corte transversal observamos a viga de transição no pilotis que recebe as cargas dos pilares dos pavimentos tipo, representado na Planta de Formas, reduzindo o número de apoios no térreo onde encontra-se a garagem. Obras com sistemas estruturais de grande expressividade formal, como é o caso do Ed. Baviera, são representativos da arquitetura paulista brutalista, estudada por Ruth Verde Zein: “Suas características construtivas, que podem ser constatadas a partir do estudo de exemplos de um amplo universo de obras realizadas no período de 1955-1975, poderão ser eventualmente encontradas na arquitetura brasileira de outros momentos, de outros estados e de arquitetos paulistas que não se filiam a essa escola. Assim sendo, talvez o que defina a sua especificidade não seja apenas elementos de composição ou materiais de eleição, mas igualmente a ênfase colocada em aspectos como a racionalidade construtiva e clareza estrutural [...]” (Zein, 2000 pág. 14)

Há semelhanças entre o Edifício Patrícia e o Ed. Baviera, ambos projetados pelo arquiteto Telésforo Cristófani. O Ed. Patrícia, localizado na Alameda Itu no bairro Jardins também em São Paulo, está implantado num lote retangular com pequena extensão frontal, o que resultou no posicionamento do edifício perpendicular à rua. Outra similaridade entre essas duas obras são as persianas basculantes, conferindo movimento a fachada frontal do Ed. Patrícia.

De acordo com os conceitos de Mahfuz (2002) que nos chama a atenção para a importância de instrumentos para análise de uma obra arquitetônica, e levando em consideração seus conceitos de caráter de uma obra, podemos citar que o Ed. Baviera apresenta uma composição formal semelhante ao Ed. Patrícia e também nota-se uma relação de caráter imediato entre esses edifícios, que se configura pelo uso de mesmas técnicas e materiais construtivos, similaridade de planta e volumetria. Essas características análogas vão deste a estrutura em concreto armado, empenas laterais em concreto aparente, janelas em fita, elevação do edifício

através de pilotis até a composição da volumetria. Podemos ressaltar que a estrutura e o emprego de concreto aparente são, nestes dois edifícios, o elemento estruturador que conduziu o processo projetual de forma a garantir a coerência das obras.

### Edifício Giselle

O Edifício Giselle possui 12 pavimentos e 2 apartamentos por andar. O andar térreo e a sobreloja são de uso comercial, porém com acessos distintos do edifício residencial. Neste edifício projetado em 1969 foi empregado o concreto aparente e abas de proteção na fachada, elementos muito usados na arquitetura moderna paulista. O lote onde foi implantado está entre a Rua Jerônimo da Veiga e a Avenida 9 de Julho, uma avenida de grande movimento da capital.



Ed. Giselle - Foto da construção do edifício / Ed. Giselle - Foto atual

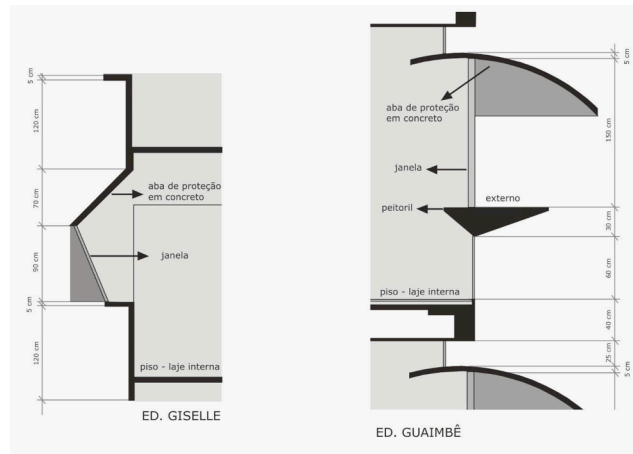
A projeção de volumes em balanço nas fachadas é um elemento estruturador desta obra, tanto na fachada principal com os abas de proteção de concreto, como o volume do box (dos banheiros) e dos armários nas fachadas laterais. São as abas de proteção na fachada principal (voltada para avenida) sem dúvida o elemento hierarquicamente mais importante da obra dando coerência e unidade. De acordo com os conceitos de Nogueira podemos sintetizar as partes desse edifício em *Téchne, Forma e Spatium* (técnica, forma e espaço) assim compreendendo como cada parte orientou o arquiteto no desenvolvimento do projeto, a saber: *Técnica*: edifício construído em concreto armado, tendo suas fachadas também em concreto aparente. A caixa do elevador serve estruturalmente como um apoio central. Há vigas de transição nos pilotis e lajes nervuradas nos pavimentos tipos. *Forma*: A planta do edifício em 'H' confere maior privacidade às unidades e compõe o edifício como duas torres de apartamentos ligadas apenas pelo acesso vertical. A unidade compositiva é garantida pela repetição dos elementos de adição (abas e volumes nas fachadas laterais). *Espaço*: há uma separação dos espaços privados (residencial) e público (comercial) com acessos distintos.

Podemos citar como uma referência de Cristófani para desenvolver o projeto desta obra o Edifício Guaimbê de Paulo Mendes da Rocha de 1962. Há uma forte semelhança no emprego das abas de proteção na fachada e também no uso do concreto aparente.



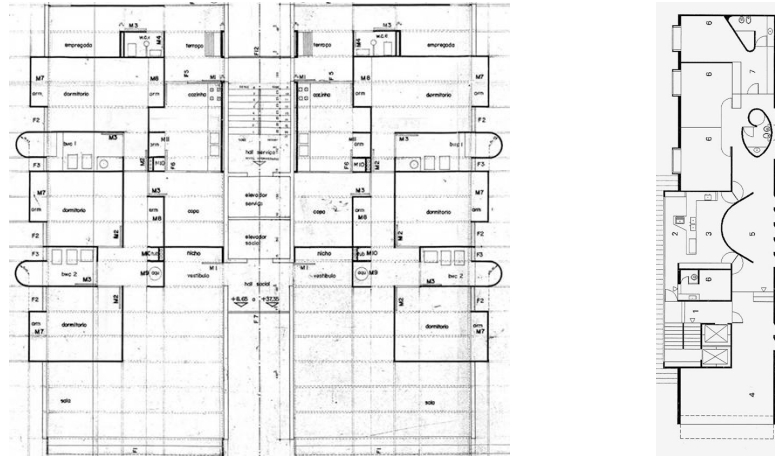
O Edifício Guaimbê estruturalmente foi concebido como uma lâmina de sete metros sustentada por duas cortinas de concreto armado nas empenas laterais. Essa solução possibilita uma grande fluidez nos espaços interno, uma vez que não há pilares no interior. Sobre os *brises* que protegem a fachada frontal, Paulo Mendes da Rocha (2000, pág. 166) afirma que esses elementos além de ajudar a proteger essa fachada (com orientação noroeste) têm um desenho exclusivo de formas livres remetendo à liberdade da planta.

### *Brisés-soleil:*



A semelhança formal entre esses dois edifícios em decorrência do emprego de concreto aparente e dos *brises-soleil*, não se aplica na distribuição dos ambientes em planta. Podemos observar que o estreito lote na Rua Haddock Lobo, onde está implantado o edifício de Mendes da Rocha, permitiu que houvesse apenas um apartamento por andar de aproximadamente 175 m<sup>2</sup>. Os ambientes seguem em seqüência, desde a sala de estar, na parte frontal, passando pelos serviços e por fim os dormitórios. Já a planta desenvolvida por Cristófani, além de apresentar 2 apartamentos com quase 125 m<sup>2</sup> cada, espelhados em cada pavimento, possui um corredor de distribuição para os ambientes.

A adição de volumes em balanço nas fachadas laterais para a utilização de armários é outro elemento em comum nestas duas obras. Os dois arquitetos se utilizaram deste recurso em todos os dormitórios. Um diferencial é que no Ed. Giselle existe também o volume semi-circular dos boxes de dois banheiros.

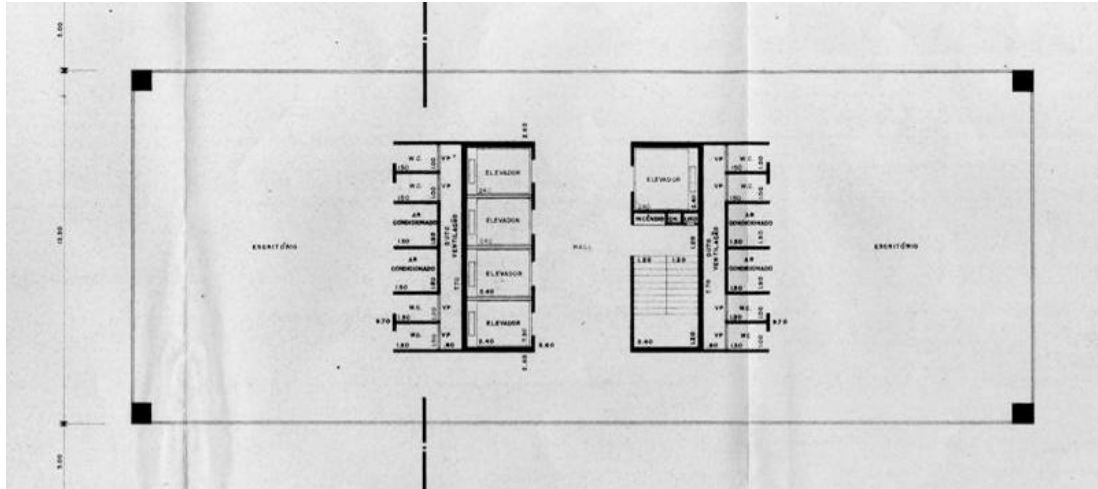


Ed. Giselle - Planta do pavimento tipo / Ed. Guaimbê - Planta do pavimento tipo

### 3.3 – Edifício Paulista I

Para Frampton (1997, pág. 288): “Mies teve inúmeras vezes oportunidades de desenvolver uma ‘escola’ de arquitetura no mais amplo sentido dessa palavra, e de gerar uma cultura de construção simples e lógica, receptiva ao refinamento e aberta, em princípio, à utilização ideal da técnica industrial.”

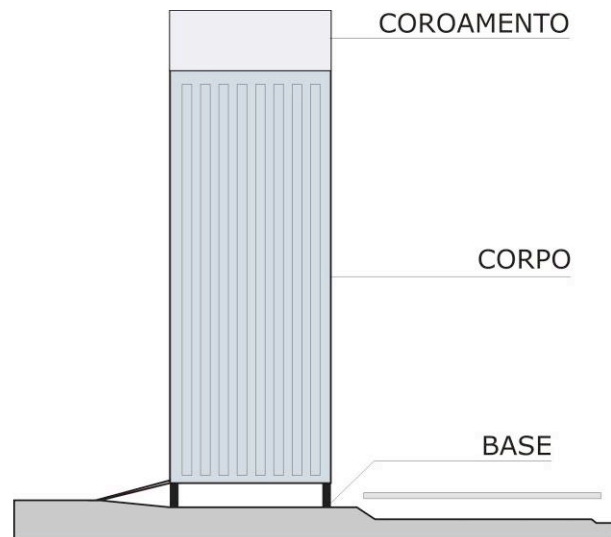
Esse princípio de “construção simples e lógica” foi adotado por muitos arquitetos paulistas e também pelo arquiteto Telésforo Cristófani no projeto do Ed. Paulista I. A estrutura deste edifício de 24 pavimentos é feita pelas duas caixas dos elevadores e pelos quatro pilares de concreto armado em cada extremidade do edifício.



Projeto original - planta pavimento tipo

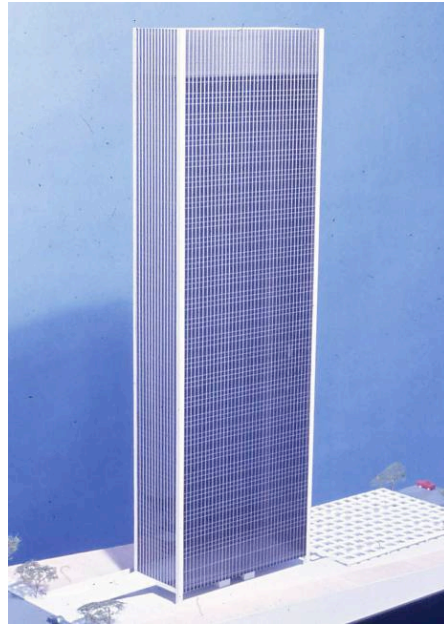
“Matriz Cultural” para Nogueira (2005) se refere ao “saber arquitetônico” do arquiteto, ao qual ele se utiliza na hora de projetar uma obra. Assim é notório que Cristófani ao desenvolver esse edifício estudou algumas obras do arquiteto alemão Mies Van der Rohe.

Este edifício segue uma composição acadêmica em: base, corpo e coroamento é a mesma que Mies van der Rohe utilizou em dois de seus edifício comerciais, o Seagram Building, em Nova York (1954-58) e Sede Regional IBM, em Chicago (1966-69). O fechamento desses edifícios também se assemelham. A solução dessa grelha metálica com vidros acentua a verticalidade dos edifícios.



Há também na implantação do edifício paulistano algumas semelhanças com o Seagram Building. Uma delas é no que diz respeito à preocupação com a permeabilidade do solo. O grande destaque dado ao edifício de Mies em Nova York é justamente a criação da praça pública no nível térreo, e que para isso foi preciso recuar o edifício do alinhamento da rua, sem ocupar o máximo do lote com área construída. Nota-se, porém, que em decorrência da diferença de cotas e estreito lote, localizado entre a Av. Paulista e Al. Santos, seria impossível

recuá-lo ou não utilizar o máximo de área construída permitida pela questão da pequena dimensão, assim o edifício foi solto do térreo, resultando numa interligação de pedestre entre as ruas. O acesso pela Al. Santos possui uma grande cobertura pergolada criando um “generoso espaço semipúblico” (Serapião, 2007). Após algumas reformas esse espaços foram descaracterizados e atualmente são ocupados pelo Banco Unibanco.



Edifício Paulista I

Fonte: arquivo do arquiteto

A obra de Mies van der Rohe é para Montaner (2001) um claro exemplo de continuidade do método internacional. A proposta de Mies para esse edifício foi de conceder maior monumentalidade à torre de 39 andares deslocando-o alguns metros do alinhamento. A forma de um prisma perfeito, para o autor, se insere na devoção do arquiteto pela simplicidade formal. Os acabamentos do vestíbulo em travertino romano, pilastras revestidas em bronze, piso em granito produzem uma reinterpretação de um espaço clássico do átrio do Panteon, como assinala Montaner: “trata-se, portanto, de sua obra mais clássica e maiores pretensões de se tornar modélica e universal.” (pág. 25). Justamente esse caráter universal e modélico que fazem essa obra, e tantas outras obras de Mies, serem referências a outros arquitetos.

## Bibliografia

- BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2003.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. 3a.ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO. *Sala especial: 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo*. São Paulo: Croce Aflalo & Gasperini Arquitetos, 1999.
- COLQUHOUN, Alan. *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger. (org.) *Arquitetura Escolar Paulista: anos 1950 e 1960*. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da Educação (FDE), 2006.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KAMITA, João Masao. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX*. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1999. Dissertação de Mestrado.
- LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002 (6ªed.).
- MAHFUZ, Edson da Cunha. *O clássico, o poético e o erótico e outros ensaios*. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis – Vol. 4. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2002
- MAHFUZ, Edson da Cunha. *Ordem, estrutura e perfeição no trópico. Mies van der Rohe e a arquitetura paulistana na segunda metade do século XX*. fev. 2005  
[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq057/arq057\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq057/arq057_02.asp)
- MARTINEZ, A. Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: UNB, 2000.
- MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*, Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- MENDES DA ROCHA, Paulo. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- NOGUEIRA, Mauro Neves. *Da análise ao projeto: elementos invariantes da qualidade do edifício*. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2005. Tese de Doutorado.
- PEREZ OYARZUN, F; ARAVENA MORIA, A; QUINTANILLA CHALA, J. *Los hechos de la arquitectura*. Santiago do Chile: Ediciones ARQ, 2007.
- SAFRAN, Yehuda E. *Mies van der Rohe*, Lisboa: Editora Blau, 2000.
- SANTOS, Cecília Rodrigues; PEREIRA, Margareth Campos da Silva; PEREIRA, Romão Veriano da Silva; SILVA, Vasco Caldeira. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela, 1987.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900 – 1990*, São Paulo: Edusp, 2002.
- SZLNOKY, Maria Teresa de Stockler e Breia, *O Ensino de Arquitetura e Christiano Stockler das Neves*. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, 1995. Trabalho de Mestrado.
- ZEIN, Ruth Verde. *Arquitetura Brasileira, Escola Paulista e as casas de Paulo Mendes de Rocha*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica. Ensaios Oportunos de Arquitetura*. Porto Alegre e São Paulo: Ritter dos Reis+Proeditores, 2000.

ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista, 1953 - 1973*. São Paulo e Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Tese de Doutorado.

ZEVI, Bruno. *A linguagem moderna da Arquitetura*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

**Periódicos:**

*Acrópole*, nº 226, setembro de 1957

*Acrópole*, nº 229, novembro de 1957

*Acrópole*, nº 242, dezembro de 1958

*Acrópole*, nº 264, outubro de 1960

*Acrópole*, nº 283, junho de 1962

*Acrópole*, nº 294, maio de 1963

*Acrópole*, nº 321, setembro de 1965

*Acrópole*, nº 384, maio de 1971

*A Construção São Paulo*, nº 1797, agosto de 1982

*Arquiteto*, nº 19

*Arquitetura*, nº 41 novembro de 1965

*Casa e Jardim*, nº 313, fevereiro de 1981

*Dirigente Construtor*, nº 08, agosto de 1974

*Projeto Design*, nº 324 fevereiro de 2007